

arte como necessidade de **vida**

**uma construção de processos criativos
em pinturas autorais | 2020 - 2023**



Luciene Torres



PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ARTES VISUAIS (UFPB/UFPE) UFPB



ARTE COMO NECESSIDADE DE VIDA:
UMA CONSTRUÇÃO DE PROCESSOS CRIATIVOS EM
PINTURAS AUTORAIS [2020-2023]

Luciene Torres de Carvalho Nunes

Projeto Artístico Equivalente à Dissertação apresentado ao
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, como
requisito parcial para obtenção do título de Mestre em
Artes Visuais

Linha de Pesquisa; Processos Criativos em Artes Visuais

Orientador: Prof. Dr. Alberto Ricardo Pessoa

João Pessoa – PB
2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N972a Nunes, Luciene Torres de Carvalho.

Arte como necessidade de vida : uma construção de processos criativos em pinturas autorais [2020-2023] / Luciene Torres de Carvalho Nunes. - João Pessoa, 2023. 91 f. : il.

Orientação: Alberto Ricardo Pessoa.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CTCA.

1. Artes Visuais. 2. Poética visual. 3. Processo criativo. 4. Pintura contemporânea. I. Pessoa, Alberto Ricardo. II. Título.

UFPB/BC

CDU 7.01(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO



PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

LUCIENE TORRES DE CARVALHO NUNES

**“ARTE COMO NECESSIDADE DE VIDA: UMA CONSTRUÇÃO DE PROCESSOS
CRIATIVOS EM PINTURAS AUTORAIS (2020 – 2023)”**

Aprovado (a) em: 28/02/2023

Comissão Examinadora:

- Alberto Ricardo Pessoa -

Prof. Dr. Alberto Ricardo Pessoa – PPGAV/UFPB
Orientador (a)/Presidente

Robson Xavier

Prof. Dr. Robson Xavier da Costa – PPGAV/UFPB
Examinador (a) Titular Interno (a)

Eduardo Romero Lopes Barbosa

Prof. Dr. Eduardo Romero Lopes Barbosa (UFPE)
Examinador (a) Titular Externo (a) à Instituição




AGRADECIMENTOS

As Universidades UFPB/UFPE,
seus Docentes e Colaboradores
pelo acesso ao conhecimento e suporte
nos tempos de pandemia,
em especial ao professor e orientador,
Dr. Alberto Pessoa – UFPB,
e aos convidados da banca,

.Agradecimento a professora
Dra. Flora Assumpção pela orientação até a
Qualificação deste mestrado.

À CAPES, pelo suporte financeiro
à prática das Artes Visuais
dentro das universidades.



Dedico a meus pais, Raul Alves de Carvalho Nunes e Alice Torres Nunes (em memória) pelo empenho na educação doméstica e formal, e por afirmarem ser esta a maior herança dada aos seus filhos, e a meu filho, Pedro Torres por ter me ensinado o amor incondicional.

SUMÁRIO

RESUMO | 12

ARTE COMO NECESSIDADE DE VIDA | 14

DO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO | 32

A CRIAÇÃO - MEU PROCESSO CRIATIVO | 39

SÉRIE - ARTE COMO NECESSIDADE DE VIDA | 45

RASTRO | 53

CONSIDERAÇÕES FINAIS | 77

REFERÊNCIAS | 80

ANEXO | 83

RESUMO

A presente Dissertação é uma pesquisa dentro da linha de Processos Criativos em Artes Visuais com uma produção que faz parte da arte, vida e criação, termo imbricado para entender a arte como necessidade de vida do eu sujeito, mulher, branca, artista, brasileira, nordestina, cuja produção em artes expressa especificamente o que vivenciei na cidade do Recife, desde o ano de 2020 até 2023, compreendendo o período pandêmico da covid 19, numa grande cidade urbana brasileira que teve impactos semelhantes em outras grandes cidades do Brasil e do mundo. Procurei criar uma poética com as vivências neste contexto de isolamento, novos hábitos sanitários, reorganização social, violência, desigualdade social, questões de gênero, tudo inserido em um ambiente político desastroso e polarizado, assim apresento e fragmento este tempo na linguagem da pintura contemporânea e suas possibilidades poéticas com a série, Arte Como Necessidade de Vida, cujas primeiras obras participaram de exposição no início do ano de 2022, (Anexo 1) onde apresento também os esboços, desenhos, escolhas cromáticas, logística do tempo, materiais e outras informações que levam a dizer que finalizei parte de um conjunto de obra de uma vida de artista. A construção desta poética visual em pintura, uma linguagem antiga e tradicional, é uma persistência em artes trazendo reflexões sobre sujeito e sociedade, e quanto a averiguação deste fazer artístico conto com suportes norteadores das literaturas, Gesto Inacabado (2012) de Cecilia A. Salles, O Mal-Estar da Pós-Modernidade (1998) de Zygmunt Bauman (1925 – 2017) e A Persistência da Pintura de Gaudêncio Fidelis e Paulo Sérgio Duarte (2005).

Palavra-chave: Artes Visuais; Poética Visual; Processo Criativo; Pintura Contemporânea; Pandemia

ABSTRACT

This Dissertation is a research within the line of Creative Processes in Visual Arts with a production that is part of art, life and creation, an intertwined term to understand art as a necessity of life of the subject I, woman, white, artist, Brazilian, northeastern, whose art production specifically expresses what I experienced in the city of Recife, from 2020 to 2023, including the pandemic period of covid 19, in a large Brazilian urban city that had similar impacts in other large cities in Brazil and the world . I tried to create a poetic with the experiences in this context of isolation, new sanitary habits, social reorganization, violence, social inequality, gender issues, all inserted in a disastrous and polarized political environment, thus I present and fragment this time in the language of contemporary painting and its poetic possibilities with the series, *Arte Como Necessidade de Vida*, whose first works participated in an exhibition at the beginning of 2022, where I also present the sketches, drawings, color choices, time logistics, materials and other information that lead to say that I finished part of a set of works from an artist's life. The construction of this visual poetics in painting, an ancient and traditional language, is a persistence in the arts bringing reflections on the subject and society, and as for the investigation of this artistic work, I rely on the guiding supports of literature, *Gesto Inacabado* (2012) by Cecilia A. Salles , *The Malaise of Post-Modernity* (1998) by Zygmunt Bauman (1925 – 2017) and *The Persistence of Painting* by Gaudêncio Fidelis and Paulo Sérgio Duarte (2005).

Keyword: Visuals Arts; Visual Poetics; Creative process; Contemporary Painting; Pandemic



ARTE COMO NECESSIDADE DE VIDA :
UMA CONSTRUÇÃO DE PROCESSOS CRIATIVOS
EM PINTURAS AUTORAIS [2020 - 2023]

ARTE COMO NECESSIDADE DE VIDA

Quando iniciei o mestrado estávamos em processo pandêmico da Covid 19, que foi deflagrada oficialmente em 20 de março de 2020, e as aulas remotas desse mestrado tiveram início no primeiro semestre do ano de 2021. Desde o pré-projeto, a contextualização e o processo criativo em Artes Visuais vem sendo a averiguação da Arte como necessidade de vida, A importância desta temática para sobreviver neste cenário de pandemia foi sem dúvida, um vir a ser melhor com a arte. Trago também como objeto da pesquisa a linguagem da pintura construída através das vivências neste período de pandemia, um fazer artístico que transbordava e desdobrava sensações que compreende os anos de 2020 a 2023.

Venho das Artes Plásticas, do Design de Produto e Social. O estilo expressionista me parece bom e natural para comunicar, e a escrita tenta dar conta disto. Então, sou uma artista visual, e essas visualidades passam a serem expressas através das linguagens que estão no campo do meu entendimento.

Sou da geração dos artistas que frequentaram a cidade de Olinda pelos arredores do MAC-PE nos anos 1980, e que fizeram parte do projeto Arte Nova – novos talentos, Este projeto era uma ação do museu para lançar novos artistas depois que passassem pelas capacitações oferecidas e que mostrassem melhor desenvoltura, Os artistas desta minha geração foram Flávio Emanuel (1966 – 2021) que morreu na pandemia do covid 19, Félix Farfan (1960), Joelson Gomes (1960), José Paulo (1962) e Maurício Castro (1963).

Particpei de exposições significativas, como exemplo a primeira exposição individual organizada pelo Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco – MAC-PE em 1988, na época o museu estava sob direção dos artistas, José Carlos Viana (1947 – 2019) e João Câmara (1944).

Esta exposição colocou-me como uma artista contemporânea pernambucana. Tivemos aulas aos sábados durante três semestres no MAC-PE e fui a única mulher selecionada no final deste período de aprendizagem para fazer uma exposição individual com o apoio do museu. O *release* sobre a exposição (Anexo 1), Arte Nova - novos talentos, foi realizado por pelo artista plástico paraibano, residente em Olinda, João Câmara (1944).

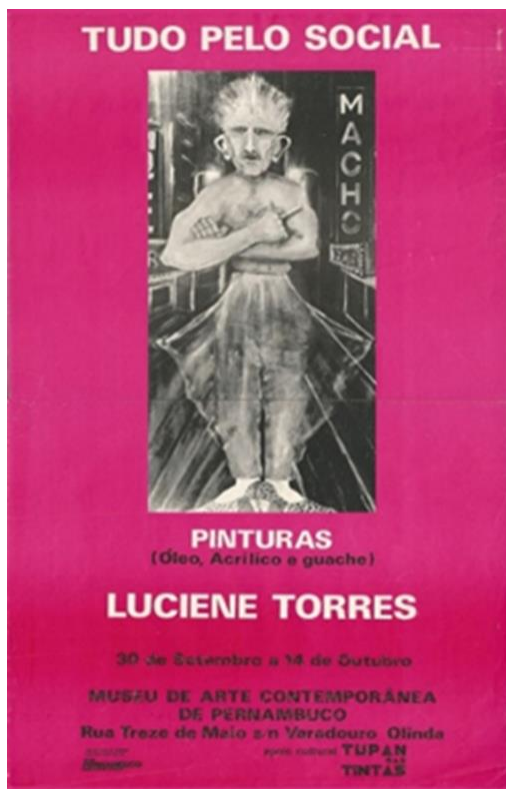


Figura 1 – Luciene Torres., cartaz primeira exposição individual, 1988. Fonte: Acervo pessoal de Luciene Torres, 2022

Participei da exposição sobre o movimento *beat* que acontecia na cidade do Recife no Bandepe Cultural, em janeiro de 1996, representei a arte pernambucana em exposições em Brasília - DF em 1993, fui convidada pelo então diretor de Museu do Homem do Nordeste - Muhne, Antônio Carlos Duarte

Montenegro (1955 - 2022) para expor individualmente (1995) junto ao acervo do museu, que segundo Montenegro – era uma inovação museológica do Museu do Homem do Nordeste ter uma artista contemporânea junto ao seu acervo histórico.

Particpei de exposição na Póvoa de Varzim em Portugal representando a arte pernambucana. Particpei da vários salões de artes com pinturas e desenhos, um desses, Salão de Arte Contemporânea de Pernambuco de 1987 no Museu do Estado de Pernambuco – MEPE, foi uma homenagem que fiz ao cineasta, escritor e professor, com quem estudei na UFPE, Jomar Muniz de Brito (1937) depois da leitura do seu livro, *Terceira aquarela do Brasil*, 1982, de sua autoria.

Considero meu maior incentivador nas artes, o artista e professor, Luiz Notari (1918 – 1998) que era filho de artista e artesão italiano, que passou a residir em Recife em 1957, veio fugido das perseguições políticas no Brasil, gaúcho da cidade de Pelotas, próximo a Iberê Camargo (1914 – 1994), se correspondia com Cícero Dias (1907-2003), estagiou com Vicente do Rego Monteiro (1899 – 1970) no seu ateliê em Paris, chegou a trabalhar com Candido Portinari (1903 – 1968) e conviveu com Heitor Villa-Lobos (1887 – 1959).

Estudei pintura com Notari muitos anos, mesmo quando não estudava retornava para conversar. Experimentava pintar com tinta esmalte sintético, areia na mistura das tintas, colagens e outras experimentações. As aulas eram na garagem da sua residência no bairro do Prado - Recife. Notari falava muito sobre o cenário artístico do Brasil. Luiz Notari é o avô da artista visual, Juliana Notari (1975) que a vi crescer andando pelo seu ateliê.

Quando da morte de Notari foi lido uma poesia que fiz em sua homenagem, ainda vivo, e que foi selecionada pelo Espaço Frans Post e Academia Pernambucana de Letras em 1996 e recebeu menção honrosa. Foi com Notari que eu soube do Brasil modernista e foi quem primeiro escreveu um texto crítico sobre meu trabalho para o livro, *Artistas da Iputinga* (1987) escrito por Marcílio

De saudades não morrerás.
Nunca morrerás!
Pintastes lavadeiras,
morenas, roliças,
mulatas fortes,
nas cores complementares.

Cravastes o pincel
na semana de 22.
Modernidade,
Portinaris,
Notaris.

Graduando
sombra em cores,
lilases e amarelos,
laranjas e verdes.

Graduado,
cotidiano marcado,
um momento de brasilidade.

Poesia: Um momento de brasilidade.

27 de Abril de 1996. Homenagem ao artista e professor, Luiz Notari

ARTISTAS | PAULO CHAVES

Torres: individual no MAC



MAC lança jovem pintora individual/Luciene Torres

Luciene Torres é apresentada no MAC...

tosa quanto inteligente e e sensível. jovem artista que se vincula tanto...

Luciene Torres

mesma cruza de observação ao representar tanto seres marginais, a exemplo de uma certa fauna guei (ponta de iceberg de um mundo de valores e objetivos sérios, que se mescla com o heterossexual e com ele convive, às vezes invisível, sem atritos) ou prostitutas, como figuras do establishment social e político, em situações que apontam para o seu vazio espiritual, que registram prováveis criminosos do colarinho-branco, burgueses refestelados em seu conforto e em seu egoísmo, o grotesco da aparência significando o vazio da alma.

"Todo esquema da vida social deve ser mostrado, tudo que está por aí pela rua" - diz-me Luciene, tão talen-



Figura 2 - Luciene Torres, jornal impresso Diário Pernambuco, 1988. Fonte: Acervo pessoal de Luciene Torres, 2022

Lins Reinaux (1934), pertencente a Academia Pernambucana de Letras, artista plástico, jornalista e professor da UFPE.

Meu trabalho é resultado de um conjunto complexo de informações apuradas por fases e situações diversas desse diálogo interno e externo. Para cada fase houve um dispositivo social, político e afetivo. Para cada fase teve uma influência que venho acumulando, e um olhar a mais a ser acumulado. Pesquisas, leituras e experimentos são constantes. Uso da simplicidade técnica para falar de um mundo complexo e subjetivo. A potência está no não dito. A potência está no ainda a ser percebida. O que sempre me acompanhou? A persistência, as experimentações em estilos distintos, a escrita, as questões sociais e políticas, o sagrado e a melancolia.

A linguagem da arte sempre se apresentou como uma necessidade vital para sobreviver a temporalidade da existência. A construção poética buscava almofadar sentimentos enquanto sujeito impactado e transportava para uma possível compreensão desta existência efêmera. Assim, arte e vida se apresentam como uma unidade, e através da arte procuro contribuir um pouco para os sentidos do humano, para apascentar esse eu sujeito incomodado contemporâneo ou pós-moderno, como afirma Zygmunt Bauman (1925 - 2017). Penso que sou uma cantautora da arte, procurando dar sentido a existência. A arte me assusta e a arte me sustenta. É um fio condutor, onde procuro transformar na mais vasta paisagem. A pulsão de vida está na arte e aceito a vinda da subjetividade, que sacode, incomoda e expurga para as visualidades. Penso que esta pesquisa também possa contribuir para outros que veem a arte como uma necessidade vital.

Sobre o projeto poético, cientes da impossibilidade de se determinar o ponto inicial ou com a origem, convivemos com o ambiente no qual aquele processo está inserido e que, naturalmente, o nutre e forja algumas de suas características. Relacionamo-nos, assim, com o solo onde o trabalho germina. Quando se fala em solo, pensa-se

no contexto, em sentido bastante amplo, no qual o artista está imerso: momento histórico, social, cultural e científico. (SALLES, 2011, p. 45).

Desde o início do fazer artístico, através do desenho, da pintura, da gravura e da fotografia, e outras experimentações, apresento uma inclinação para discutir as problemáticas sociais, como a desigualdade social, gênero, a política brasileira e questões ambientais, com uma visão crítica e irônica, a exemplo cito a primeira exposição individual no MAC-PE em Olinda em 1988, onde o tema central era o *slogan* do governo do ex-presidente do Brasil, José Sarney, Tudo pelo Social.

Até mesmo quando resolvi experimentar o não uso da figura na pintura colocava os títulos das obras voltados à crítica social. Esta recepção do meio para o artista é enfatizada pela professora e pesquisadora Cecília Salles, quando salienta o pensamento do artista americano Paul Klee (1899 -1940): O artista é um receptáculo de emoções. (SALLES, p.61).

Tive a oportunidade de ainda estar como professora em uma universidade até junho de 2020, quando teve início o período de isolamento da pandemia que teve início oficialmente no Brasil em 20 de março de 2020. As circunstâncias enquanto professora me fizeram ler sobre o sujeito e sociedade do final século XIX e o século XX, o período da gripe espanhola, as guerras que sucederam, o excesso de produção industrial sem aquisição, o surgimento do marketing para influenciar o consumo, a fome, o desequilíbrio social, a guerra fria, a importância do mito, a era da velocidade, os movimentos artísticos, livros de alguns pensadores da sociologia e da filosofia, o surgimento da internet e a pós-modernidade. Dá para perceber as similaridades do passado com o cenário atual, contemporâneo. A importância de ter acessado estas informações, colocou-me estrategicamente num lugar onde pude compreender um pouco mais do devir e administrar os impactos da pandemia da Covid 19 com um pouco mais de entendimento. Inseri no cotidiano

leituras que dessem clareza ao momento, entre as leituras, o livro, *O mal estar da pós-modernidade* (1998) do sociólogo e filósofo Zygmunt Bauman (1925 - 2017).

Bauman viveu quase cem anos, chegou a viver duas décadas neste século XXI, deixou uma longa pesquisa sobre as questões sociais, sujeito e sociedade. Afirmava que a promessa de liberdade, igualdade e fraternidade das teorias modernas, falharam, e que o século XX foi representado pela velocidade das máquinas, do sujeito e da sociedade, e que, a partir da segunda metade deste século passamos a vivenciar o período da velocidade das mudanças, mudanças estas, que o sujeito da pós-modernidade não consegue acompanhar, ainda é perceptível que a sociedade continua carregando como ideal a *pureza*, a limpeza social.

Quando se refere a pureza, Bauman exemplifica com o título de um livro da americana Cynthia Ozick (1928), *A solução final alemã*, quanto a persistência em apresentar a *solução estética* para limpar a sociedade, assim como o dedo do artista eliminando uma mancha, que simplesmente aniquilava o que era considerado não-harmonioso na sua obra.

A questão social é vista como uma poluição da obstinada presença de pessoas que não se ajustavam, que estão fora do lugar, que “estragavam o quadro”, esta obstinação sobre a limpeza que a sociedade vem buscando é semelhante a limpeza já experimentada noutras situações, noutras culturas, onde buscavam purificar a sociedade, aniquilando-a. Notadamente o pensamento baumaniano em relação ao futuro da humanidade e ao planeta terra, não é otimista.

Há, porém, coisas para as quais o “lugar certo” não foi reservado em qualquer fragmento da ordem preparada pelo homem. Elas ficam “fora do lugar” em toda a parte, isto é, em todos os lugares para as quais o modelo de pureza tem sido destinado. O mundo dos que procuram a pureza é simplesmente pequeno demais para acomodá-las. Ele não será suficiente para mudá-las para outro lugar:

será preciso livrar-se delas uma vez por todas – queimá-las, envenená-las, despedaçá-las, passá-las a fio de espada. (BAUMAN, 1988, p.14).

Por motivos das guerras, da fome, das perseguições políticas, das questões sanitárias, existe grande número de pessoas se deslocando, os nômades, os migrantes, os “fora do lugar”. As questões humanitárias atuais passam uma visão de catástrofe final. Depois do início da pandemia da covid 19 é visível a aceleração dos problemas mundiais. Essas agruras refletidas no artista, sem dúvida é um chamamento acerca da necessidade da arte

Não há uma teoria fechada e pronta anterior ao fazer. A ação da mão do artista vai revelando esse projeto em construção. As tendências poéticas vão se definindo ao longo do percurso: são princípios em estado de construção e transformação. Trata-se de um conjunto de princípios que colocam uma obra em criação específica e as produções anteriores de um artista em constante avaliação e julgamento. (SALLES, 1988, p.43).

Assim também trago os migrantes na minha construção pictórica, como para dar conta desta dor dos que morrem nas travessias dos mares ou rejeitados em terra firme, ou como afirma Bauman, os “fora do lugar”. O sujeito busca respostas para tamanha inquietação neste período pós-moderno, sente a angústia e a culpa de não apreender as mudanças e competir para sobreviver.

A ação humana não se torna menos frágil e errática: é o mundo em que ela tenta inscrever-se e pelo qual procura orientar-se que parece ter se tornado mais assim. Como pode alguém viver a sua vida como peregrinação se os relicários e santuários são mudados

de um lado para outro, são profanados, tornado sacrossantos e depois novamente ímpios num período mais curto do que levaria a jornada para alcançá-los? Como pode alguém investir numa realização de vida inteira, se hoje os valores são obrigados a se desvalorizar, e, amanhã, a se dilatar? Como alguém pode se preparar para a vocação da vida, se habilidades laboriosas adquiridas se tornam dívidas um dia depois de se tornarem bens? Quando profissões e empregos desaparecem sem deixar notícia e as especialidades de ontem são os antolhos de hoje? (BAUMAN, 1988, p,12).

Penso, que a terra a se perder, e as mulheres a gerar o mundo e os gêneros. Imaginei fazer várias naturezas mortas desviadas, mulheres sentadas e migrantes - as fora do lugar.

O primeiro processo para a pintura neste fragmento do tempo de uma vida de artista foi a pintura que chamei de Mulher Sentada, assim como o conjunto da produção, desta série, Arte como necessidade de vida. Então, primeiro veio a mulher sentada, depois a natureza morta e o migrante. Depois destas três abordagens, pensei em abordar os desdobramentos possíveis dessa temática na arte e explorá-la durante toda uma vida.

Meus pais viram a pintura da mulher sentada, ainda em processo de construção, e o meu pai perguntou se eu tinha visto a mãe dele. A avó Ana morreu há muitos anos, e gostava de sentar-se numa cadeira num local estratégico da casa da fazenda, de onde via tudo ou quase tudo. Também pareço



Figura 3 - Pablo Picasso, Femme assise (Marie-Thérèse Walter), 1949

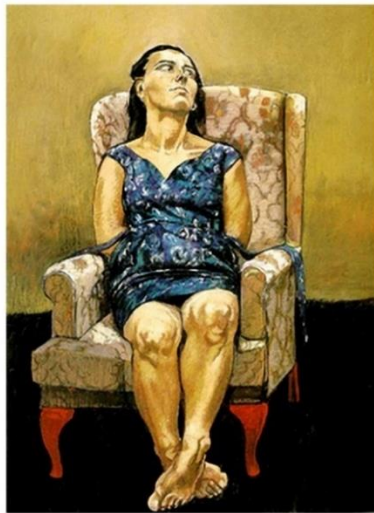


Figura 4 – Paula Rego, Quieta! Sit! Pastel sobre tela - Série, Dog Woman. 160 x120 cm, 1994

com a minha avó, e estava a ver um momento sem igual, presa, isolada e na maior parte do tempo, sentada.

Depois verifiquei que a mulher sentada tem uma forte representação nas artes plásticas. O artista, Pablo Picasso (1981-1973) pintou muitas mulheres sentadas,

como exemplo a pintura, de *Femme Assise (Marie Thérèse)*, 1937. Admiro muito as mulheres sentadas da artista portuguesa, Paula Rego (1935-2022), principalmente as que fazem parte da série *Dog Woman*, 1994.

Apesar deste cenário com aumento significativo da instabilidade emocional, política e econômica mundial, com maior desigualdade social, maior aquecimento global, com novas guerras, maior número de migrantes, aprendi a exercer mais paciência no processo da produção pictórica. Penso que tem a influência da produção de pintura em tênis e bolsas que comecei a realizar para a empresa Dolce & Gabbana e que teve início no período da pandemia em 09 de setembro de 2020. Ainda continuo com esta prestação de serviço. Pintar tênis foi algo inesperado, um pequeno suporte, uma pequena área, de forma presencial e com outras pessoas a observar, produto de luxo que não pode errar, então todas estas peculiaridades também contribuíram para desenvolver a habilidade da paciência e transportar esta habilidade para um suporte maior e cuidando de cada pequena área.

O artesanato, a repetição, o conhecimento dos materiais utilizados, suas limitações e potencialidades ajudaram na construção da produção que venho desenvolvendo. Coincidentemente a tinta utilizada para o trabalho de pintura em tênis e bolsa é a mesma tinta acrílica que tenho maior identificação, a diferença está na marca e na qualidade. Neste caso, a tinta apresenta uma pastosidade diferente e uma excelente cobertura, com exceção de duas cores de tintas devido ao pigmento, amarela e roxa.

Comecei a esboçar a próxima pintura e pensei em fazer uma natureza morta não mostrando o conceito tradicional da natureza morta, como já citei anteriormente, mais desviada do contexto da pintura tradicional. Tinha algumas imagens que vinham a mente para a composição, Fiz então, um esboço do quadro e fui organizando as imagens e sua melhor composição, proporção e estética. Eu estava a perseguir a composição, e por último identifiquei que o cordeiro imolado completava a ideia de criação – acredito que vem da minha veia cristã católica.

Fiz uma impressão na escala e transferi para o suporte. O fundo da tela foi feito com tintas espatuladas criando texturas e reações inesperadas quando misturadas as cores, logicamente existe uma previsão inicial dos tons que gostaria de alcançar no fundo.

Selecionei a linguagem da pintura por me parecer que sempre fiz melhor dentre as outras linguagens que utilizo.

A graduação em Design de Produto me ajudou a desenvolver hábitos de desenhar voltado para o cliente – de cabeça para baixo. Inclusive as perspectivas. Também participo, ainda hoje, de grupos que praticam o desenho do modelo vivo e que deram maturidade ao desenho que executava desde a infância. Estes desenhos vou arquivando para possível utilização e logicamente a melhoria vem da constância nas práticas.

No processo de construção e criação muitas vezes vou buscar desenhos antigos para fazer parte de uma nova composição pictórica. Por exemplo, a primeira pintura sobre os migrantes dessa série, Arte como Necessidade de Vida, busquei um antigo desenho feito a partir do modelo vivo – este foi feito no MAC-PE em 1988. Tenho também um banco de imagens em fotografia, que as vezes lanço o olhar sobre, e os trago para o momento atual, utilizando como fotomontagem, ou extraindo a ideia para a pintura, ou mesmo misturando, como um processo de multimídia, como afirmou Raul Córdula (1943) olhando uma das minhas obras numa exposição na galeria de arte, A Casa do Cachorro Preto, em 2017.

A disciplina Intersemiose, que fiz no departamento de Letras da UFPE com a Profa. Maria do Carmo Nino, provocou um novo olhar sobre a minha produção com desdobramentos e experimentações, misturando linguagens em artes numa mesma obra



Figura 5 – Luciene Torres.. Desenho lápis grafite. 1987. Fonte: Acervo pessoal de Luciene Torres,

O que pretendo é que o resultado desta produção para além de ter sido um almofadar de sentimentos e a busca de equilíbrio situacional com a pandemia, também possa se relacionar com o observador com a certeza, de que também foi impactado nesta pandemia da Covid 19, com um volume de emoções que confrontam os saberes, os valores, os princípios, todas as referências de uma normalidade humana, espero que de alguma forma se sinta afetado, contemplado...

Quando pensei em artistas que tinham a arte como necessidade vital, lembrei da artista franco-americana, Louise Bourgeois (1911 – 2010) e do brasileiro, nordestino, Arthur Bispo do Rosário (1911 – 1989).

Lembrei do filme, *A Pele Que Habito*, onde diretor, Pedro Almodóvar (1949), apresenta um processo de sobrevivência da personagem Vera, que foi Vicente - jovem sequestrado, enclausurado e submetido a uma cirurgia para mudança de sexo à sua revelia, que ao entrar em contato com a obra de Louise Bourgeois, passa a fazer esculturas com materiais diversos, principalmente tecidos, gazes, ataduras e gesso, como é próprio dos objetos construídos por Bourgeois.

Através deste processo, Vera registra na parede de seu quarto a cronologia da sua clausura, escrevendo palavras incessantemente repetidas - respirar, necessito respirar, necessito das palavras.

Assim também fazia o Arthur Bispo do Rosário que bordava palavras em seus estandartes, indumentárias e objetos, inclusive a frase enigmática - eu preciso destas palavras, escrita.

Esse respirar é uma palavra necessária e urgente. Milhares de pessoas ficaram sem respirar nesta pandemia. Isto de respirar também lembra, uma questão do preconceito racial na estrutura social, como o caso da morte do americano negro, George Floyd pedindo para respirar sob as botas de um militar branco em 2020, o que provocou um ativismo maior do movimento *Black Lives Matters*.

A pintura desta série, Arte como necessidade de vida, também foi o meu respiro. Como a pintura ainda pode ser tão importante para mim? Ouvi muitas críticas sobre a pintura, sobre ela estar ultrapassada, e me perguntava, por que eu ainda faço uso da linguagem da pintura?

Já tinha lido alguns textos sobre a morte da arte e da pintura, e um certo incômodo me atravessava utilizando a pintura como minha linguagem artística. Tenho o livro, e li há alguns anos o texto do poeta, ensaísta e crítico de arte, Ferreira Gullar (1930 - 2016), *Argumentação contra a morte da arte* (1993), e acredito que foi o primeiro contato contextualizado que me afetou bastante sobre este tema.

Durante a averiguação para esse mestrado encontrei um link para assistir a um vídeo onde o convidado para a entrevista era o crítico, professor de história da arte e curador, Paulo Sérgio Duarte (1946). Na entrevista falou sobre a persistência da pintura, e foi um grande encontro, pois penso que respondeu as minhas inquietações. O Duarte foi curador da 5ª Bienal do Mercosul que projetava a cultura latino-americana para o mundo na cidade de Porto Alegre em 2005, neste evento foi publicado um livro sobre *A Persistência da Pintura: história da arte e do espaço* (2005), que agora tenho comigo. Por mais que anunciassem a morte da pintura, segundo afirmou Duarte de maneira irônica, esqueceram de avisar aos pintores que a pintura tinha morrido.

Eu ouvi frases na entrevista sobre a necessidade da linguagem pictórica desde os primórdios da humanidade, e o quanto ela foi e é, tão necessária para a linguagem do humano. No deambular desta entrevista citou também o paraibano, residente em Recife, o artista plural, Raul Córdula (1943), como o grande representante da pintura no Brasil, fora do eixo Rio de Janeiro e São Paulo.

Por fim, gostaria de chamar a atenção do leitor que esta dissertação não segue estritamente as Normas Técnicas da ABNT, mas sim um fluxo livre de ideias que articula texto acadêmico e poética de vida.



DO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO

A dor é uma das coisas mais importantes da minha vida

Marguerite Duras

Sou uma mulher branca, classe média declinada, nordestina, família do interior de Pernambuco e com veias na política, com acesso a boa educação formal, histórico de fazendas, e a árvore genealógica com pressão para serem médicos ou advogados. Tive uma educação doméstica conservadora e católica. Eu gostava quando me vestiam de anjo na igreja, ficava toda branquinha e com belas asas. Escrevia muito na adolescência, tinha diários e outros cadernos.

Gostava muito de ler e ouvir música popular brasileira, depois acrescentei o rock, cantos gregorianos, música nordestina de raiz, como o forró pé de serra. Não tive influência direta na família para gostar das artes, mas se alguém tinha, certamente abafou ou virou uma habilidade doméstica. Não era uma profissão. Estudei no colégio Estela Mares de freiras alemãs em Serra Talhada, cidade de origem. Estava sempre inquieta e inconformada com o mundo, com a educação dada as mulheres, sonhava fugir de casa sem um entendimento claro do que iria buscar, procurava não demonstrar essas inquietações, portanto escrevia e desenhava. Tinha medo dos meus pais. Tudo era pecado, errado ou engordava.

Na adolescência assistia quase todas as noites um programa numa rádio da Bahia, chamado Clube dos Ratos, onde ouvia músicas brasileiras de qualidade. Hoje, vale salientar a grandeza dos meus pais, fizeram o melhor que podiam por seus cinco filhos, saíram do interior pensando na melhor educação para os cinco filhos. Hoje eu os admiro e vejo o quanto precisam do nosso carinho e apoio. Passaram pela pandemia da Covid 19 sem contrair a doença. Meu pai estudou até o ginásial – corresponde ao ensino médio completo, e depois foi ser comerciante, onde até hoje é comerciante. Hoje dirige seu carro dignamente e com muito orgulho por

ainda estar produtivo aos 89 anos, Minha mãe, 87 anos, infelizmente morreu há poucos dias, 21 de janeiro de 2023, foi professora de nível médio até a aposentadoria, trabalhava meio expediente para estar junto dos filhos e da administração da casa.

Os primeiros livros, comprados por mim, isso já morando em Recife, aonde cheguei aos 12 anos, foram de Franz Kafka, *Metamorfose* e de Marguerite Duras, *A Dor*. Lia também Herman Hesse e livros de Agatha Christi. A paixão maior foi quando coloquei os olhos na Antologia Poética de Carlos Drummond de Andrade. Comprava nas bancas as revistas de rock com posters dos artistas e HQs, principalmente os *Graphic Novel*, mas também gostava muito da Turma da Mônica, do Maurício Souza.

O vinil rolava na minha casa. Vim a ter relacionamento afetivo de forma tardia, somente aos 17 anos. Já estava na universidade. Ser mulher eu achava chato, pensava que a vida do homem era bem melhor. Parece que não assimilei bem a importância da relação familiar estável. Eu me casava e descasava rapidamente. Não me adaptava a vida cotidiana a dois, gostava de estar sozinha, mas também não conseguia ficar sozinha. Ficava nesse desencontro. A vida a dois atrapalhava muito o desenvolvimento profissional. Só vim a ter um filho no terceiro e último casamento, nasceu Pedro, hoje com 24 anos, assim conheci o amor incondicional.

Libertei-me realmente e ao mesmo tempo adoeci emocionalmente quando comecei a estudar no Centro de Artes e Comunicação – CAC na UFPE, estava com 17 anos, em 1979. Queria estudar artes, mas não tinha uma educação superior em artes. Então procurei o Design (Desenho Industrial), minha família não sabia nem o que era, foi uma decepção, mas fui ficando. Vou completar 40 anos de formada, e estamos nos organizando para comemorar.

No ano de 2013 voltei a Universidade Federal de Pernambuco – UFPE como portadora de diploma e fiz até o ano de 2016, onze disciplinas isoladas em três departamentos, Design, Artes Visuais e Letras, para me atualizar sobre arte

contemporânea. Ficava muito feliz em poder escolher e ser aceita nas disciplinas que queria fazer e com os professores que admirava. Fiquei impressionada com o valor de uma graduação na universidade, e de poder voltar para acessar o conhecimento de forma gratuita, enquanto Aluna Especial. Então, fiquei um pouco mais atualizada. Poderia enfrentar um mestrado e/ou o mercado com mais conhecimento na área das artes visuais. Os conhecimentos adquiridos gratuitamente como passaporte de ter tido uma graduação é um bom presente de vida, e o meu objetivo era ter mais conhecimento nesta área.

Foi neste período do retorno a universidade que conheci sobre a Internacional Situacionista, os pensamentos de Guy Debord, as técnicas situacionistas, os *Desvios/Détournement*, Situação Construída e sobre a Deriva com o professor Gentil Porto Filho. Fazia parte dos encontros, Dark Show pelas ruas do Recife, por volta da meia noite, deste período construí um banco de imagens fotográfica.

Pratiquei o *flanerie* com a professora Oriana Duarte e seguia a professora Maria do Carmo Nino para quase todos os lugares onde ia ministrar palestras. Passei a ter um roda de amizades nas artes muito junto a academia. Percebia que a academia estava fortemente inserida na arte contemporânea, não somente em conteúdo, mas também como formadores de opinião para o mercado.

Aqui devo arriscar uma generalização que me parece, no entanto, importante. O saber brasileiro, no século XX, adquiriu a tônica predominantemente “intelectual”, em detrimento de uma postura propriamente cultural. É o triunfo das chamadas “ciências humanas”, que vão, cada vez mais, revelando-se menos e menos ciências, menos e menos humanas. Mas, essa formação, trazida em grande parte pela universidade moderna, acreditava-se mais que rigorosa: ela se tomava por verdadeira. (COLLI. 2015).

Procuro conhecimentos, para desenvolver mais nas artes visuais, mas tenho dificuldades para aplicabilidade em mercado, por motivo desta minha preservação pessoal, proteção da minha individualidade, esse assunto é sempre um impasse.

Gosto muito de biografias e documentários, e até hoje costumo presenciar os monges com seus cantos gregorianos em Olinda.

Tenho hábito de ler e procurar entender um pouco sobre política, filosofia, e religião busco entender o cenário que em que estou inserida, e encontrar compreensão sem extremismos. Entender um pouco o sujeito e o comportamento deste sujeito é também me entender. Me causa estranhamentos a invasão do outro na vida das pessoas com opiniões diversas, sem respeitar os valores individuais e o sagrado.

O cenário da intolerância aumentou, e percebo que mundialmente, não é um problema somente do Brasil. Os Estados Unidos da América surpreenderam o mundo com a Invasão do Capitólio em 06 de janeiro de 2021 pelo ex-presidente Donald Trump, era o país com maior referência em democracia, era o exemplo para o mundo do império democrata. Quiçá o Brasil ! No seu último livro, *O que vem depois da farsa?* (2021) do americano, escritor, professor e crítico de arte, Hal Foster (1955) comenta – Uma política da pós-verdade é um problema enorme, mas uma sociedade da pós-vergonha também é.

Depois da pandemia o cenário está terrível. Estamos vivenciando os embates para presidente do Brasil e nunca vi o país tão polarizado, tão fragilizado, as relações sociais destroçadas, aumento da desigualdade social, as questões ambientais em decadência em prol do neoliberalismo. As pessoas com exaustão pós-ápice-pandêmico e com uma política desastrosa.

A crescente miséria, aqui em Recife, principalmente em frente ao Palácio das Princesas onde mora o governador do estado de Pernambuco, chega a ser inaceitável.

O menos aceitável, na minha opinião é o mundo mergulhado nas mentiras, nas *Fake News*, que direciona a população para informações não confiáveis. Voltamos ao início do surgimento da escrita, da comunicação, quando o conhecimento dos fatos estão para poucos. Isso me faz lembrar quando se trancava a chave e guardava com segurança a única pessoa que sabia ler uma escrita no pergaminho, no metal ou no barro. Hoje penso que o entendimento da verdade foi aprisionado outra vez em meio a liberdade, tecnologia e informação.

O escritor e filósofo, Umberto Eco (1932 – 2016) foi visionário, parecia agressiva a frase, mas hoje faz muito sentido. Na ocasião, quando recebeu o título de doutor *Honoris Causa* em Comunicação e Cultura na Universidade de Turim na Itália, discursou e afirmou que a internet promoveu o idiota da aldeia a portador da verdade. Depoimento feito ao jornal La Stampa,

As redes sociais dão o direito de falar a uma legião de idiotas que antes só falavam em um bar depois de uma taça de vinho, sem prejudicar a humanidade. Então, eram rapidamente silenciados, mas, agora, têm o mesmo direito de falar que um prêmio Nobel. É a invasão dos imbecis". (ECO, 2015)

Penso que temos que recuperar a noção de beleza que Fiodor Dostoiévski (1821 -1881) falava - A beleza é que salvará o mundo do desespero. Para ele, a contemplação da Madona de Rafael era a sua terapia pessoal, pois sem ela desesperaria dos homens e de si mesmo. Ainda falava da beleza - Seguramente, não podemos viver sem pão, mas também é impossível existir sem beleza, repetia Dostoiévski. A beleza está nos olhos de quem vê, dizia Johann Goethe (1749 –

1832). O contrário do belo cisne não é o patinho feio, mas o utilitarismo, o espírito de usar os outros e, assim, roubar-lhes a dignidade



Figura 6 – Rafael Sanzio. Madona Sistina. Óleo sobre tela. 2,65 m x 1,96.m Ano, 1512.

Como não sentir toda esta turbulência? Existe uma grande instabilidade mundial. O cenário de guerra é real, estamos já discutindo a probabilidade de uma terceira guerra mundial.

O mundo que temos habitado até aqui está salpicado pelas marcas e traços deixados pelos nossos esforços para escapar para a imortalidade. Depois que obtivemos o equivalente eletrônico do retrato de Dorian Gray, podemos ter conquistado para nós um mundo sem rugas, mas também sem paisagem, história e objetivo. Bem podemos ter achado caminho para a Cidade dos Imortais de Jorge Luis Borges. (BAUMAN, 1988, p. 204).

Na sociedade contemporânea muitos são os acontecimentos que levantam o questionamento acerca da duração das coisas. Aparentemente, tudo que era eterno passa a ceder a uma espécie de intensa efemeridade. As consequências da afirmação dessa efemeridade não pertencem simplesmente ao campo teórico-acadêmico, mas forjam implicações diretas na organização da vida das pessoas em sua cotidianidade.



A CRIAÇÃO – MEU PROCESSO CRIATIVO

É tão bom e tão terrível ficar em frente de uma tela em branco
Paul Cézanne

A criação parte dos afetos positivos e negativos, e da fase que estou vivenciando, que vai se aprimorando aos poucos e somando a estrutura das experiências vivenciadas com arte. Ultimamente faço rascunhos mais assertivos.

Depois de assistir a uma aula pela internet sobre processos em artes no período da pandemia da Covid 19, com o pintor e gravador Sergio Fingermann (1953), verifiquei que precisava de uma etapa no processo, de uma prática inicial que destravasse, para não demorar a iniciar uma pintura, destravar o impasse com a superfície plana, com a tela, com a implacável superfície branca, então passei a imaginar meu muro, minha parede, meu retalho, minhas caixinhas coloridas, e dar o *start*, imaginei que desenharia, pelo menos, nesta fase, uma malha de quadrados, que depois seriam preenchidos com espatuladas de tinta em pasta. Realmente ficou menos dilemático o ato gestual para começar a pintar.

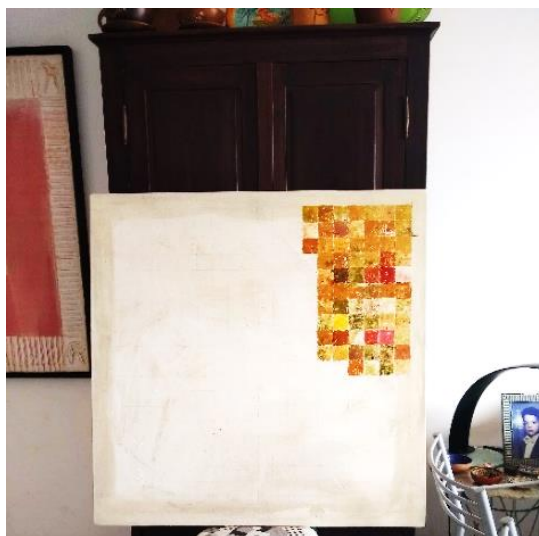


Figura 7 - Fase inicial da pintura Natureza Morta, 2021. Fonte: Acervo pessoal de Luciene Torres, 2021

O imprevisível do efeito da espátula puxando a cor ou cores sobre outra cor ou cores traz um efeito inesperado, não muito lógico, e cria uma superfície com mais textura. Enquanto quebro esse impasse, esse dilema, vou amadurecendo a ideia de fazer a natureza morta. Eu sabia que queria uma natureza morta desviada do contexto original da pintura, o que não é novidade, pois, no período clássico da pintura geralmente eram feitas com frutas, flores e folhas, sobre uma mesa, uma toalha. Aí está o que é belo para mim na arte contemporânea, poder fazer este desvio e ser arte, ter esta liberdade.

Os artistas pós-modernos estão condenados a viver, pode-se dizer, a crédito. A prática produzida por suas obras ainda não existe como um “fato social”, deixa intocado o “valor estético”, e não há nenhum modo de decidir antecipadamente que algum dia haverá de tornar-se isso. Afinal, só se pode acreditar no futuro dotando o passado da autoridade que o presente é obrigado a obedecer. Não sendo isso verdade, só resta aos artistas uma possibilidade: a de experimentar. (BAUMAN, 1988, p.137).

Imaginei que para além do vestido, que já havia visto em outra circunstância nas artes enquanto natureza morta, eu poderia acrescentar, o sagrado religioso e o sagrado natureza. Para isso pesquisei, arvores, galhos, animais, corações, cordeiros imolados – estou muito afetada com os corações da Dolce & Gabbana, certamente é o que mais pinto nos tênis, e de certa maneira trouxe para a tela, também as pequenas figuras, pinturas para se ver de perto. Vem muito a memória por esses tempos a produção de azulejos dos artistas modernistas, a exemplo de Cândido Portinari (1903 – 1962) e Athos Bulcão (1918 – 2008), que conheci pessoalmente há anos e agora chega à lembrança.



Figura 8 - Fase intermediária da pintura Natureza Morta, 2021. Fonte: Acervo pessoal de Luciene Torres. 2021

Faço a pintura sobre o espatulado em tinta acrílica e desta vez com pincéis e com a mesma tinta, as vezes grossas camadas e as vezes diluída até ficar transparente, se necessário faço uso das canetas Posca, que venho utilizando desde o evento em que participei quando das vacas pela cidade do Recife, a Cowparedo em 2017.

Encanta mais o pincel do que as canetas Posca, o parecer não tão perfeito é bom. Faço coleta de imagens e componho o quadro, fotografo se necessário e

utilizo os *softwares* Paint e Photoshop para fazer a montagem da composição mais próxima a realidade que espero ter na pintura, depois faço impressão em xerox, pode ser preto e branco, faço a grade quadriculada na xerox e transfiro proporcionalmente para a tela, se perceber estar bom o resultado e adequado a medida do suporte - geralmente feito em tecido de algodão armado em chassis de madeira de cedro, com brochas de latão, aço ou alumínio para não oxidar - continuo o trabalho.

É difícil dizer que o trabalho está pronto, tem sempre algo que penso que pode ser melhorado. Em algum momento preciso parar. Fica muito exaustivo ficar aprimorando, parece não ter fim.

Os tecidos dos suportes são 100% algodão, são chamadas de lonitas ou sarjas, a depender da espessura do tecido e recebem duas ou três demãos de Coralmur - aprendi nas aulas do MAC-PE. Uso o celular para fotografar o processo, pensando no desdobramento disto para ações de mercado, edital, ocupação de galerias, e mesmo o próprio currículo. Quanto ao suporte tenho usado mais a sarja por ser mais espesso e quando do deslocamento para exposições eu simplesmente enrolo, e na montagem fica bem rígido.

Desenho na tela geralmente com lápis grafite ou desenho sobre a tinta com carvão vegetal. Os desenhos, os esboços na sua maioria costumo fazer em papel canson para uma possível exposição do desenho, principalmente os desenhos de modelo vivo. As pequenas figuras inseridas nos quadrados, no quadriculado da tela, vou coletando depois, no decorrer do processo de pintar, vou lembrando situações, como exemplo, os pássaros do artista brasileiro, carioca, pintor, escultor, desenhista, Athos Bulcão.

Fiz muitas máscaras no período de pandemia para doar aos hospitais e no final da minha produção me deram uma certa quantidade de máscaras de proteção que penso em experimentar como suporte de pintura deste período.



Figura 09 – Athos Bulcão.

Também venho acumulando sacolas plásticas que chegam das compras e que estão sendo prensadas para uso na linguagem da fotografia e da pintura.

Por não ter orçamento para investir em mais telas de pintura as vezes cubro com demãos de branco um trabalho que não gosto para fazer um mais atual e urgente a pulsão de criação para o momento.

Fases de criação temática me fazem produzir e não tenho uma entrega do trabalho para o mercado que escoe, então além de distribuir para casas de familiares, por não ter mais como arquivar o volume de trabalhos realizados. exponho na minha residência-atelier, onde estão boa parte das fases da minha produção. Tenho também uma produção de fotografias prontas para o mercado, e geralmente um ou mais trabalhos estão expostos em galerias, ou escrevo para editais e salões. Para continuar fazendo arte, sempre tive paralelamente outras atividades, foi assim desde o período da adolescência.



SÉRIE
ARTE
COMO NECESSIDADE DE
VIDA







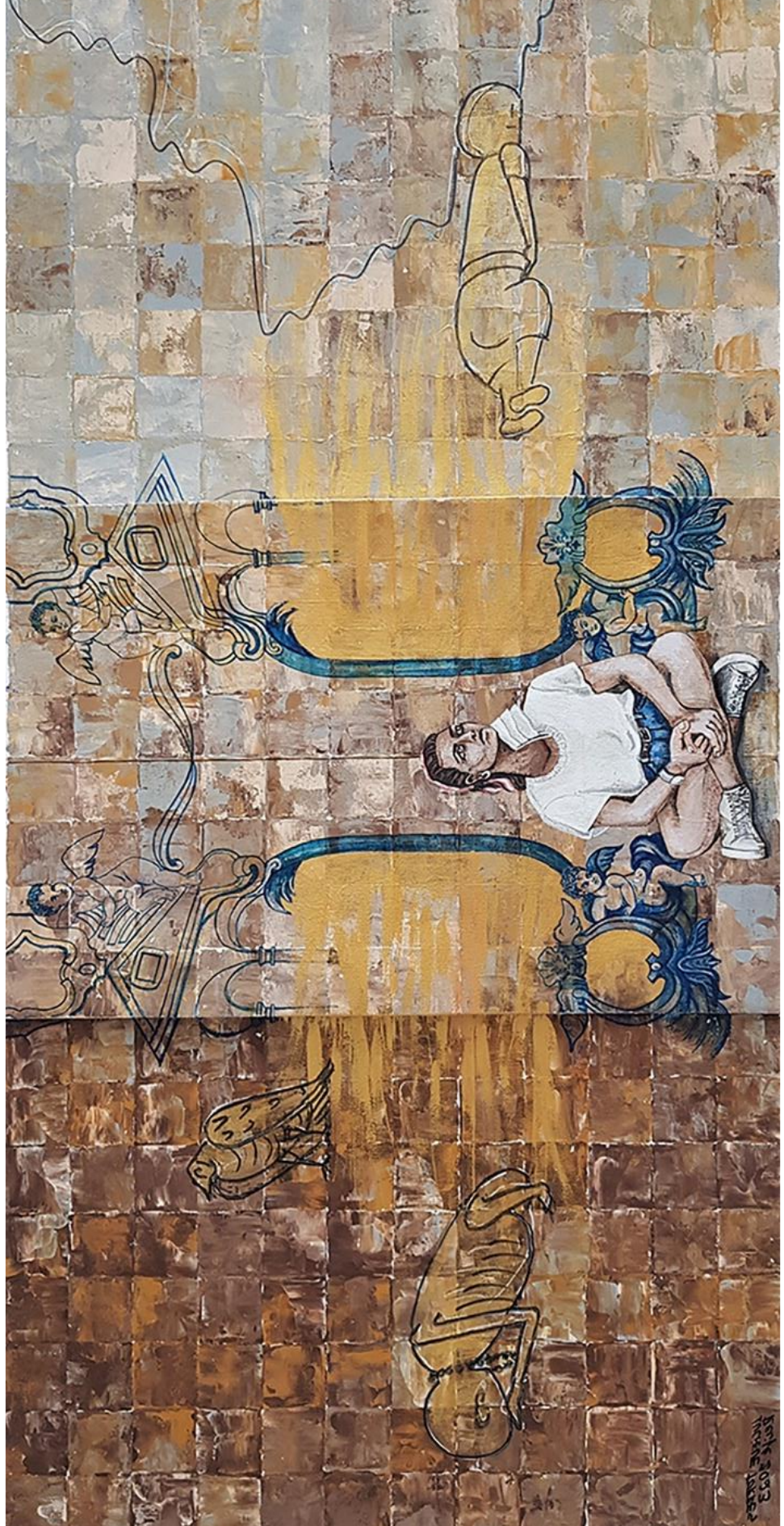


WALTER TOZZI
2012

WALTER TOZZI, MARIUZZA TOZZI
ESPOSIZIONE 2012







Art by [unreadable] 2003

RATRO RASTRO





PINTURA | MULHER SENTADA

Pintura sobre tela realizada no segundo semestre ano de 2021 no período de isolamento na cidade de Recife, feita em técnica mista. Foram utilizados tinta acrílica, canetas Poscas, pinceis e espátula, aplicados sobre tela de puro algodão, grosso, tipo sarja, um pouco crespa.

O formato é retangular, 120cm x 80 cm, pintura com textura, obra figurativa, com temática sobre gêneros. No centro está inserida uma mulher sentada, ocupando grande parte da obra. O contexto histórico é de uma crise mundial sanitária, a pandemia da covid 19. A pintura apresenta influência do expressionismo alemão de A Ponte, essa corrente artística vê-se como um instrumento de denúncia social e política, venho explorando o estilo expressionista desde os anos 80 quando da primeira exposição individual no MAC-PE que fica em Olinda, houve uma identificação com este movimento artístico que surgiu no início do século XX.

Os elementos visíveis nesta obra são primeiramente uma mulher contemporânea sentada, figura principal, e a visão do fundo são rosas estilizadas que se misturam para formarem gêneros. A subida das rosas para parte superior da tela representam as milhares de pessoas que foram abatidas pela pandemia.

Pesquisei mulheres sentadas e vi um ângulo que seria bom para o tamanho do suporte em tela de algodão existente no meu ateliê. Costumo deixar telas com bases prontas para uma necessidade imediata. Coloquei a pintura por trás de mim, fazendo um fundo para as aulas *online*, a pintura foi se construindo com os colegas e professores do mestrado vendo o avançar do processo construtivo.

Para execução do desenho na tela fiz um rascunho desta mulher sentada, quadriculei na proporção da medida da tela e dei início a pintura. Não tinha certeza dos detalhes finais, mas, sabia que encontraria pelo caminho, no processo, sendo assim, o percurso da criação se mostra como uma emaranhado de ações. Salles (2011, p, 30)

O anel na mão direita eu perdi, mas viveu comigo mais de 30 anos, era sempre o primeiro acessório a colocar. A tatuagem na perna é um anjo estilizado que utilizo para marcar meu livros, esses sapatos ficavam próximo do quadro que estava a pintar e sobre um pequeno tapete na entrada do ateliê/casa, um dos hábitos higiênicos adquiridos para evitar a covid 19. Os pequenos desenhos para ver de perto foram feitos com canetas sobre as rosas místicas que sobem e povoam o fundo, assim, o objeto considerado acabado representa, também de forma potencial, uma forma inacabada. Salles, (1988, p.85). Então a abordagem final tenta dar conta de uma poética para falar das dores das mulheres, com seu filhos em todos os gêneros e que morreram na pandemia, muitos totalmente isolados, sem contato com familiares e amigos para não infectar.

Levei mais de três meses para concluir esta pintura. Estava muito abatida com o cenário. A cor do vestido vem do hábito de gostar de roupas pretas. A cadeira estofada com botonê, uma ideia dos anos 50 e 60 que retornou ao mobiliário contemporâneo. Eu queria este contraste. Ainda me incomoda um pouco esta mulher flutuando junto com a cadeira, sem uma profundidade, parece estar no mesmo plano que as rosas estilizadas, parece não haver uma perspectiva, mas será que havia?

Ficha técnica da obra:

Título da obra: Mulher sentada I. (série – Arte como necessidade de vida)

Data: 2021

Dimensão: 120 cm x 80 cm

Técnica utilizada: Mista

Autoria: Luciene Torres

Acervo particular



PINTURA | NATUREZA MORTA I

Pintura sobre tela, formato quadrado, 110cm x 110cm, realizada no segundo semestre de 2021 na cidade do Recife com predominância da tinta acrílica, com variações na sua densidade, ora pastosa, ora aquosa, para dar os efeitos necessários para a representação da criação no estilo consagrado da natureza morta, termo usado pela primeira vez entre o fim do século XVI e início do século XVII, na Holanda, que nomeia um gênero artístico caracterizado pela disposição de objetos inanimados num plano para ser projetado nas diversas linguagens artísticas, como a pintura, desenho, vitrais ...

Esta pintura é influenciada pelo estilo expressionista de A Ponte, um movimento do expressionismo que nasce na Alemanha fruto da necessidade de exteriorizar o impacto da vida moderna da época e a crescente crise de valores patente (industrialização acelerada, tendências imperialistas, desenraizamento da vida tradicional, miséria crescente entre as classe operária, aumento da marginalidade e degradação dos costumes). O primeiro momento do expressionismo data de entre cerca de 1905 a 1914, em que a personagem se salientava em relação ao cenário, daí que a temática revolvesse em torno da vida social (principalmente incidente da vida burguesa da época) abundando retratos e autorretrato. Nesta pintura temos elementos como roupa feminina, madeira seca, folhas secas, animal abatido, sagrados corações, em contraste com um fundo cheio de pequenas e as vezes alegres informações, figuras para se ver de perto.

Para conceber a criação desta obra, fiquei aberta para sinalizações externas, assim, estava a participar de um evento na loja Dolce e Gabbana no shopping Rio Mar em Recife e um dos garçons falou que trabalhava em casas de colecionadores de artes fazendo serviço como garçom. Então perguntei qual a arte que tinha visto na casa dos clientes que mais gostou, ele mostrou no celular a imagem de uma

pintura com muitas ovelhas bem peludas. Naquele momento senti que havia fechado o processo de criação da natureza morta.

Pesquisei imagens de ovelhas até que cheguei no cordeiro imolado. Pronto, é isto! A mulher estava morta, o cordeiro estava morto, a natureza estava morta, levei menos tempo fazendo esta pintura, que a mulher sentada, embora fosse mais detalhada e suporte maior.

Sabia dos tons que queria para esta pintura que vem de acordo com o tema e densidade do que é abordado. O fundo quadriculado, já citado antes foi influenciado por uma aula pela internet com artista, Sergio Fingermann (1953) sobre como quebrar o impasse diante de um trabalho a ser iniciado.

Nesta pintura abusei de tinta acrílica aguada para conseguir as transparências necessárias e a inserção da tinta metálica dourada.

A flor-de-lis símbolo do poder, soberania, honra e lealdade, assim como pureza do corpo e da alma. Na mitologia bíblica a flor-de-lis está associada a Jesus Cristo. Asseguro não haver pensado antes sobre todos estes simbolismos, lembrei apenas do uso na iconografia na estética do cangaço que trabalhei anos atrás enquanto Designer Social.

Gosto muito dos azulejos que vi em Brasília e em Belo Horizonte nas arquiteturas dos anos 60, assim entrou a influência de Athos Bulcão nesta série de pinturas – Arte como necessidade de vida.;

Ficha técnica da obra:

Título da obra: Natureza morta I (série – Arte como necessidade de vida)

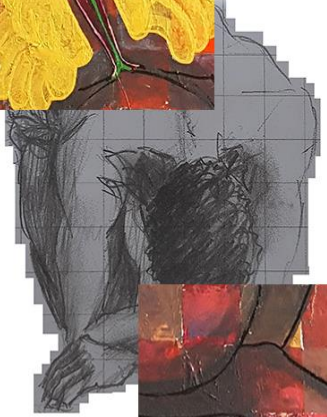
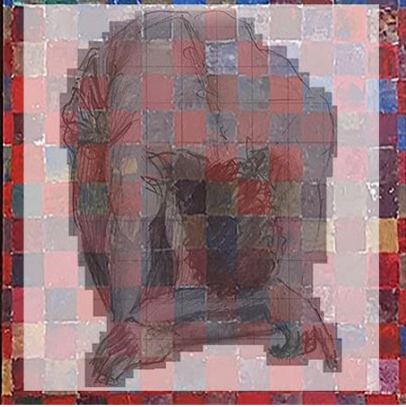
Data: 2021

Dimensão: 110 cm x 110 cm

Técnica utilizada: Mista

Autoria: Luciene Torres

Acervo particular



PINTURA | MIGRANTE I

A base desta pintura é madeira prensada, mas tenho preferência por superfície em tela de algodão, mas não queria desperdiçar o suporte. As primeiras cores aplicadas não gostei, tive que passar outras demãos de branco para reiniciar. O desenho deste homem de braços sempre me agradou, foi um desenho resultante das aulas de modelo vivo no MAC - PE em Olinda, pensei que poderia ser um migrante.

Estive pela segunda vez em Barcelona em 2013 para uma capacitação e vivenciei uma situação com três migrantes africanos sendo humilhados dentro de uma estação de metrô, eu estava do lado contrário da plataforma do metrô. Fiz poucos registros de imagens com meu celular, fiquei muito afetada e resolvi escrever. Então, acredito que a solução dada para esta pintura tem a ver com a solução de esperança dada na escrita.

Esse movimento transformador é responsável pelo estabelecimento de elos. O artista está ligado e precisa da realidade externa ao mundo ficcional, no sentido que se alimenta dela. O ato criador estabelece novas conexões entre os elementos apreendidos e a realidade em construção, desatando-os de certa maneira, de seus contextos. (SALLES, 1988, p.100,).

Faço uma linguagem interpretativa do fundo com as cores identificadas nas imagens de migrantes pelo mar com coletes salva-vidas. Construí asas para voarem e sementes plantadas para colherem. Assim apaziguei a minha alma, pois senti uma necessidade de solução utópica para almofadar a dor. A figura central dessa pintura é um homem curvado sobre si mesmo, um homem fora do seu lugar de origem por motivos de fomes, guerras e oportunidades de estudo e trabalho, e que passa

a ser um sujeito incômodo para outras culturas, Este tema não é uma invenção, mas um reflexo de uma realidade mundial. Peixes e pássaros também fazem parte do fundo, e tem a ver com os azulejos do artista, Athos Bulcão.

Como artista posso elaborar a sensibilidade, e transformar em pensamento, e se apropriar, ultrapassar as sensações, a arte tem a ver com a reflexão, com uma maneira de construir conteúdo para além da emoção, a arte pode vir através das imagens como enunciado da criação,

Desde que iniciei meus trabalhos de arte me coloquei sensível as problemáticas sociais. Assim também houve uma identificação e referência ao movimento expressionista, um figurativo com conotações sociais.

Ficha técnica da obra:

Título da obra: Migrante I, (série – Arte como necessidade de vida)

Data: 2021

Dimensão: 117 cm x 63 cm

Técnica utilizada: Mista (acrílica e canetas poscas)

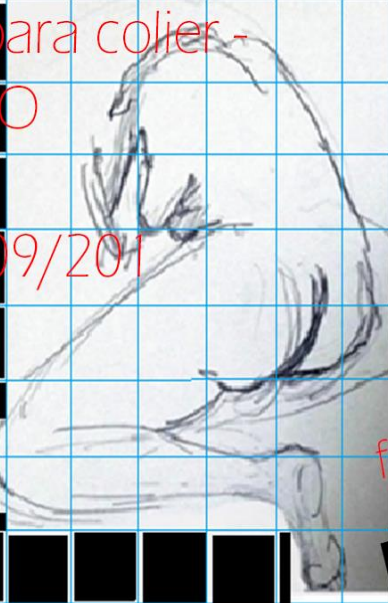
Autoria: Luciene Torres

Acervo particular



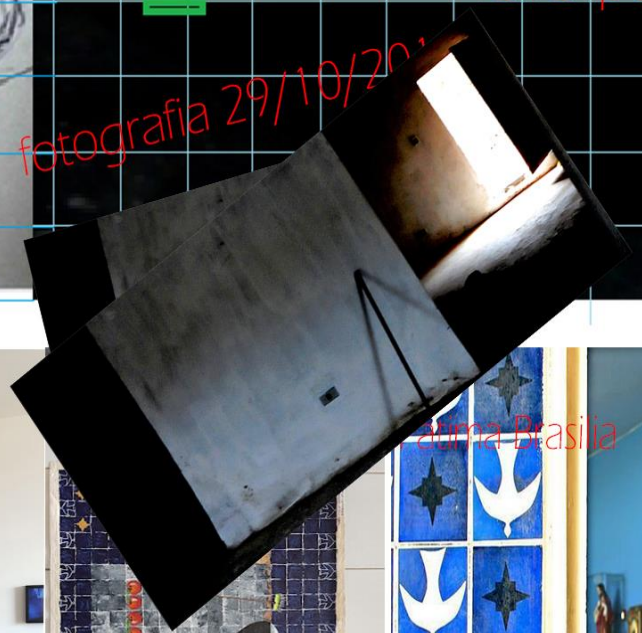
modelo vivo -
bárbara colier -
RISCO

20/09/201



fotografia 29/10/201

são vicente
ferrer-pe



Atma Brasília

Athos Bulcão

PINTURA | NATUREZA MORTA II

É uma pintura realizada sobre uma sarja grossa de algodão crespada, com a inserção de uma imagem, antes vista em uma fotografia e agora adaptada ao tema sobre raça, gênero e feminismo.

Em março do ano de 2022 fui convidada para participar da edição do Delas #5, evento organizado pela Casa Balea em Olinda, antes chamada de A Casa do Cachorro Preto. Esta exposição acontece há anos somente com mulheres e no mês internacional da mulher. Além da exposição tem vários diálogos sobre este tema.

Solicitaram para exposição o quadro Natureza Morta I que estava na Galeria do Museu Murilo La Greca, como não daria tempo de participar com este trabalho resolvi fazer uma outra pintura, Natureza Morta II. A rota é temporariamente mudada, o artista acolhe o acaso e a obra em progresso incorpora os desvios. Depois deste acolhimento, não há mais retorno ao estado do processo no instante em que foi interrompido. Salles (2011, p. 41).

Fui ao meu banco de imagens e escolhi uma fotografia que tirei no município de São Vicente Ferrer – PE em 2011 quando estava realizando ações de Design Social para um grupo de mulheres que trabalham com derivados da bananeira, também selecionei um desenho de modelo vivo que fiz através do grupo Risco de Recife em 2016, grupo de resistência do desenho de modelo vivo.

O pensamento não passa de uma forma de experimentação abreviada que se transfere das mãos para o cérebro, de modo que os resultados das experimentações precedentes deixam de ser memória e passam a ser experiência.(FISCHER, 1983, p. 27).

Na pintura, substituí o preto da fotografia pelo azul puro e profundo aplicado com espátula, mostrando ranhuras na superfície, O processo foi rápido, usei

também imagens dos azulejos de Athos Bulcão e formas geométricas para construir o espaço com luz e sombra. O estilo é expressionista figurativo, com imagem central de uma mulher. Os elementos que constituem essa obra são planos de uma mulher em branco e preto, marcas de mãos, vassoura, quatro maçãs inanimadas. Houve uma simplificação da figura com elementos decorativos.

Ficha técnica da obra:

Título da obra: Natureza morta II (série – Arte como necessidade de vida)

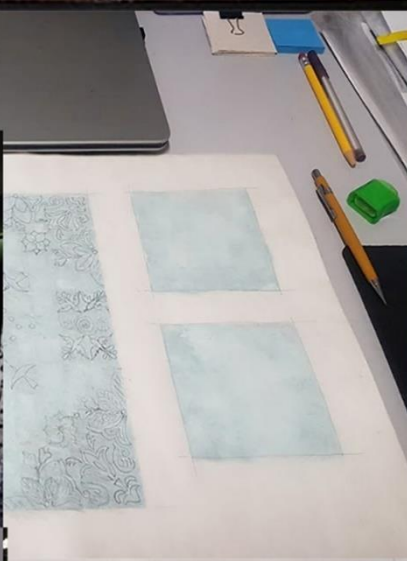
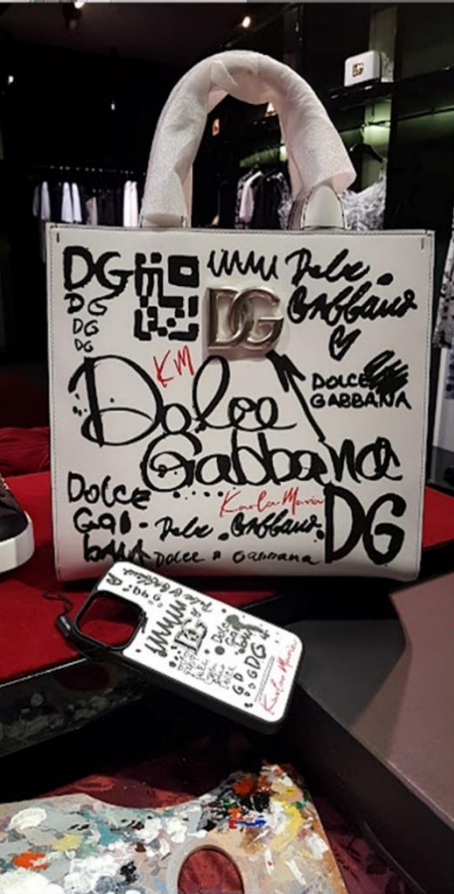
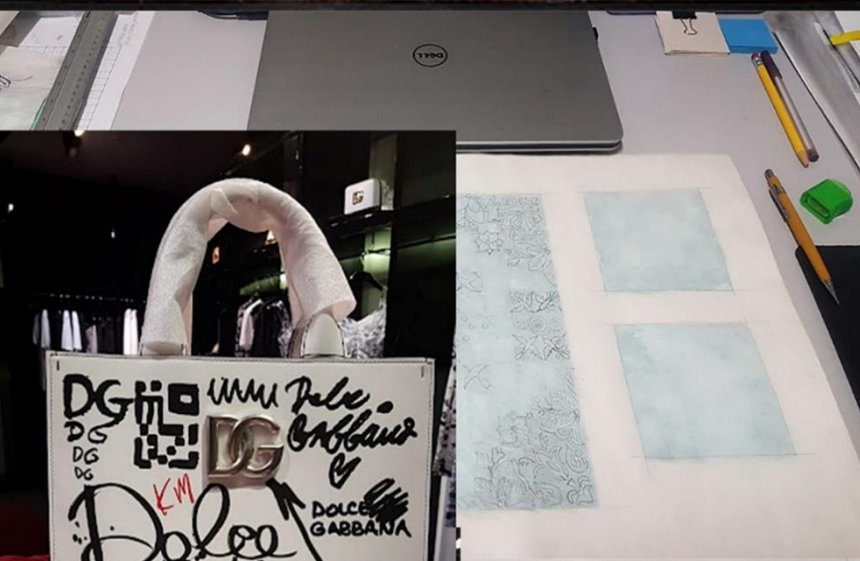
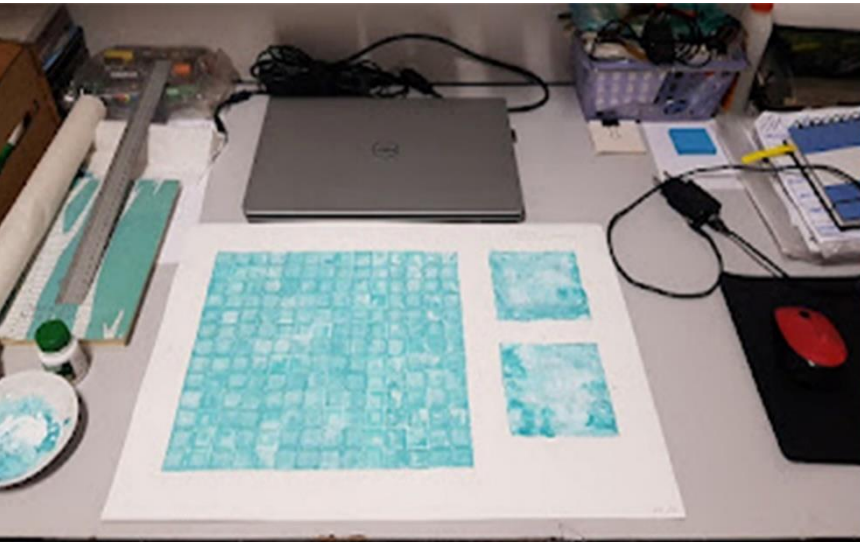
Data: 2022

Dimensão: 95 cm x 110 cm

Técnica utilizada: Mista

Autoria: Luciene Torres

Acervo particular



PINTURA | ILUSTRAÇÃO

Desenvolvi uma pintura com tinta acrílica sobre papel canson 300gr, foi escaneada em alta resolução para ser impressa através de sublimação em malha de seda. Sabia a cor do fundo, ou da superfície que gostaria de trabalhar. Preparei essa cor e depois fui montando uns arabescos e procurei dar uma conotação tropical. Como a área é pequena isso me fez lembrar o cuidado com os pequenos espaços para pintura que tenho realizado nos tênis.

É somente pelos limites que se chega ao ilimitado; o ilimitado é o que exige limites. A capacidade de estabelecer limites é maior prova de liberdade. O artista é um livre criador de limites, do cumprimento ou da superação desses elementos. (SALLES, 1988, p.72).

O trabalho realizado para mercado ou de encomenda, apesar de ficar livre para a criação tem as limitações e faço disso objetivos a serem alcançados, pois norteiam o processo para uma boa finalização. Cecília Salles no livro Gesto Inacabado (2011) faz uma citação do escritor mexicano, Carlos Fuente (1928 – 2012) que trata dessa mesma tensão, quando ele afirma, que o autor precisa escolher entre vários temas, e está livre para fazê-lo, mas precisa sacrificar a liberdade para seguir outros caminhos. que só se pode agir livremente sacrificando constantemente outras possibilidades de liberdade. Acredito que seja desta forma que venho atuando com o processo de criação, principalmente quando se trata de encomenda.

Ficha técnica da obra:

Título da obra: Natureza morta II (série – Arte como necessidade de vida)

Data: 2023

Dimensão: 40 cm x 50 cm

Técnica utilizada: acrílica sobre canson



A superfície neste caso é o couro tingido de fábrica, a tinta utilizada para a pintura de personalização dos tênis é a acrílica que também utilizo nos meus trabalhos de pintura sobre tela. As tintas vem da matriz na Itália, assim como o verniz a ser aplicado sobre a pintura para impermeabilizar e aumentar a resistência e durabilidade. Alguns desafios encontro para a execução deste trabalho, entre eles é ser um pequeno suporte e um produto com alto valor agregado, tendo que ser assertiva a cada trabalho. Estou há mais de dois anos prestando este serviço, cuja tendência é mundial nas empresas de produtos de luxo, onde existe uma alta valorização dos trabalhos feitos manualmente, de forma artesanal.

Faço o desenho com tinta cinza removível e com o pincel fino redondo, depois dou início a pintura. Para ajudar na elaboração dos desenho tenho pequenos catálogos com os ícones da empresa Dolce & Gabbana, para nortear a criação, mas não é obrigatório o uso dessas imagens.

O crescimento e as transformações que vão dando materialidade ao artefato que passa a existir, não ocorrem em segundos mágicos, mas ao longo de um percurso de maturação. O tempo do trabalho é o grande sintetizador do processo criador. A concretização das tendencias se dá exatamente ao longo desse processo permanente de maturação. (SALLES, 1988, p.40).

Chego a fazer três tênis em oito horas a depender da complexidade e quantidade de desenhos. Este trabalho fez entrar em contato com um público exigente, assim tenho que ter segurança e aprimorar a qualidade em pequenas áreas. Percebo que transferi isto para o meu trabalho em tela com um suporte maior, hoje tenho mais atenção com pequenos espaços, mais cuidado e paciência com o processo da pintura, penso que aprimorei a pintura que desenvolvo desde a adolescência, sinto que fiz a transferência desta habilidade.

Nesta ação de pintura em couro, percebo mais claramente a minha formação em Design de Produto pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

Esse cruzamento de meios artísticos, híbridos, fazem lembrar do *Ready-made* (1913) de Marcel Duchamp (1887 – 1968) ou do *Objet Trouvé* dos surrealistas franceses que mudaram o entendimento do que é arte, Objetos manufaturados (ou industrializados) transformados em artefatos de contemplação, como forma de crítica à arte.

A arte contemporânea permite esses arranjos criativos como a valorização de pintura sobre objetos. O gênero da pintura em tênis é figurativo e de acordo com os ícones atuais, principalmente voltados a moda das redes sociais, solicitam por exemplo, pinturas do grafismo urbano a flores, dos endereços eletrônicos ao culto por emojis. É o retrato da atual sociedade. A ideia e significado simbólico de um tênis pintado como artigo de luxo é para um público muito específico e com alto poder aquisitivo. Alguns são colecionadores, até mesmo as caixas vazias dos tênis estão sendo comercializados em mercados pela internet.

Ficha técnica da obra:

Título da obra: pintura em tênis (série – Arte como necessidade de vida)

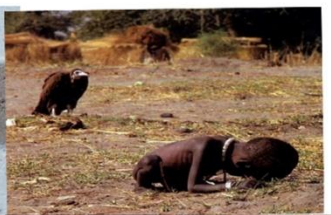
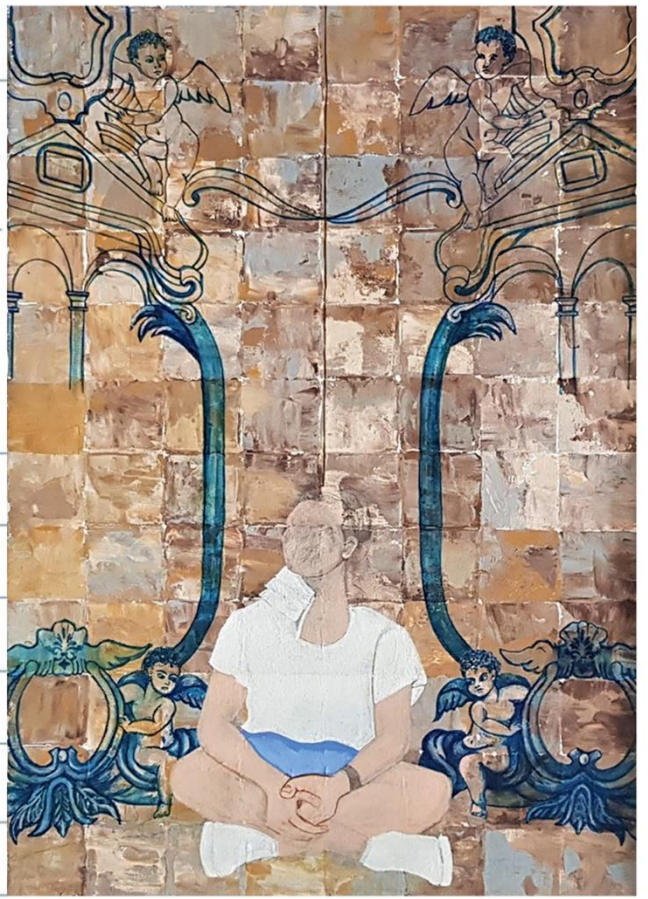
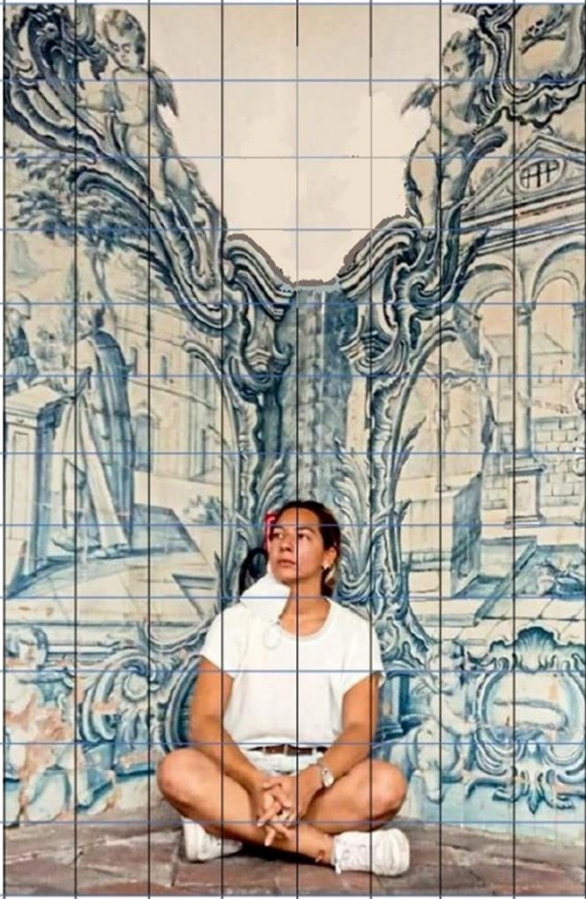
Data: 2023

Dimensão: várias

Técnica utilizada: tinta acrílica

Autoria: Luciene Torres

Acervo particular



PINTURA | TRÍPTICO | MULHER SENTADA, MIGRANTE E NATUREZA MORTA

Uma ex-aluna do curso de graduação de Design de Interior da universidade em que ensinei enviou uma fotografia de onde estava naquele momento e o que estava fazendo - um trabalho para restauro de azulejos de uma arquitetura antiga em Olinda - PE. Quando vi a imagem pensei logo na mulher sentada.

O Prof. Alberto, o orientador deste mestrado, estava ministrando uma aula remota quando falou e mostrou imagens icônicas na fotografia, observei que daria para fechar a criação de um tríptico, usando as pinturas emolduradas dos azulejos da fotografia enviada e que poderiam se abrirem para outras paisagens.

Fui construindo a pintura, desta vez com pinceis finos e delicados sobre grossas camadas de tintas espatuladas. As cores escolhidas foram direcionadas para as cores do mar no lado esquerdo do tríptico, outro lado para as cores da terra, e a mulher fica no meio a ver tudo com os tons mesclados.

Pensei que esta obra poderia compactar as criações desta série, mas não estou finalizando com o tríptico a série, Arte como necessidade de vida, estou fazendo desdobramentos inesperados, acasos. que segundo Fayga Ostrower (1990), a criação é um movimento que surge na confluência das ações da tendência e do acaso. Poderia ter sido a pintura principal da série, mas não surgiu como a primeira, veio depois de outros experimentos.

Encontramos testagens em rascunhos, estudos, croquis, plantas, esboços, tratamentos de roteiros, maquetes, copiões, projetos, ensaios, contatos, *storyboards*. A experimentação é comum; a singularidade está no modo como as testagens se dão, na materialidade das opções e nos julgamentos que levam às escolhas. (SALLES, 1988, p.144).

A soma dos suportes em sarja grossa e crespa do tríptico ficaram aproximadamente com a mesma área que o maior dos trabalhos de pintura desta série, mas o processo foi mais lento e delicado. Nesta pintura estou abordando, certamente, as fotografias mais icônicas deste século com assuntos relativos aos migrantes e a desigualdade social que traz a fome. Estas fotografias me afetam muito, e agora tinha a oportunidade para lidar com esses sentimentos.

A fotógrafa, Nilüfer Demir (1986), de 29 anos, foi quem registrou a imagem do menino sírio morto na praia de Bodrum, na Turquia em 2015. Capturou essa imagem quando encontrou o corpo de Aylan Kurdi, de apenas 3 anos. A outra fotografia é de uma menina sudanesa de aproximadamente cinco anos e um abutre que a observava num chão seco e arenoso do povoado de Ayod, Sul do Sudão para comê-la, em 11 de março de 1993. As fotografias impactaram o mundo, o fotojornalismo e a vida do fotógrafo, Kevin Karter (1960-1994), que terminou em 27 de julho de 1994, aos 33 anos cometendo suicídio.

A mulher sentada precisava ver essa situação. Não sei se concluí o trabalho de pintura, mas foi o que consegui fazer para o momento. Tenho o histórico de uma outra pintura que, em três tempos distintos, com anos de diferença, voltei a mexer, a acrescentar, a mudar o resultado, as vezes penso que esta pintura vai passar por situação semelhante se permanecer comigo.

Ficha técnica da obra:

Título da obra: Mulher sentada, migrante e natureza morta (série – Arte como necessidade de vida)

Data: 2023

Dimensão: 3 – 60cm x 40cm (tríptico)

Técnica utilizada: acrílica

Autoria: Luciene Torres

Acervo particular



ESTE É PARA OS OLHOS LEMBRAR
QUANDO O CORAÇÃO ESQUECER
ABRÇO
RAUL E ALICE

RASTRO

Significado de Rastro

Substantivo masculino

Vestígio; pegada ou sinal deixado ao caminhar.

Qualquer sinal que fica quando algo passa: o rastro do navio.

Figurado - Sinal; o que dá pistas do aparecimento de: o ladrão não deixou rastro.

Sola; a parte inferior de um calçado. Rede de pescar; rede usada para arrastar.

Gramática - A forma rasto está correta e pode ser utilizada.

Etimologia (origem da palavra *rastro*). Do latim *rastrum*; de *raster*.tri.

Rastro é Sinônimo de Rastro é sinônimo de pegada , pista, pegada, sinal, vestígio, encalço, indignação, rastro, treita, trilha, sola.

Definição de Rastro

Classe gramatical: substantivo masculino

Separação silábica: ras-tro

Plural: rastros

Feminino: rastra



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta Dissertação em Artes Visuais, Processo e Criação é uma pulsão poética do eu sujeito artista e pesquisadora, inquieta com a formação dos sentidos e memórias vivenciados nos anos de 2020 a 2023 período da pandemia da covid 19, que resulta numa produção em artes que faz parte de uma série, Arte como necessidade de vida, compreendendo pinturas contemporâneas, onde os temas abordados são as questões sociais nos tempos atuais, com o título de Mulher sentada, Natureza Morta e Migrante.

A aplicabilidade da criação e seus processos foram intensificadas com o exercício desta Dissertação, tendo como apoio a bolsa de pesquisa científica da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, agraciada por ter conseguido a melhor avaliação quando da concorrência para este mestrado junto as universidades parceiras, Universidade Federal da Paraíba - UFPB e Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

Posso agora dizer que sobrevivi ao período pandêmico, embora muitos brasileiros e brasileiras tenham sido vitimadas, pois foram mais de 697 mil brasileiros que morreram oficialmente de Covid 19 e suas mutações, averiguação realizada em 02 de fevereiro de 2023.

Caminhando para o término deste mestrado tive tempo de ver a vitória da democracia no Brasil, embora com muitos enfrentamentos para se firmar, e infelizmente, a destruição do patrimônio cultural brasileiro na cidade de Brasília em 08 de janeiro de 2023, incluindo obras de arte de Athos Bulcão, na qual faço citação nesta Dissertação.

Desde o pré-projeto que venho com a pesquisa, Arte como necessidade de vida, no primeiro momento apresentei focando também na produção dos dois expoentes e potentes artistas que tem a arte como necessidade vital, a franco-americana, Louise Bourgeois e o brasileiro, sergipano, Arthur Bispo do Rosário, para

além da minha produção. Quando da apresentação para a qualificação do foi observado que deveria focar mais na minha produção enquanto artista.

A minha orientação mudou após a qualificação, houve um redirecionamento na pesquisa, e ocorreu porque teve orientações de linhas de pensamentos diferentes, ponto de vista diferente, mas na mesma linha de pesquisa na área Artes Visuais, Processos e Criação.

Enfrentei dificuldades para fazer este projeto, para além do cenário sanitário, social e político, não me sentia confortável em falar do eu como sujeito e objeto da pesquisa, pois falar do processo, da linha do tempo, do trabalho realizado é falar também das entranhas, das inseguranças e dos medos. Procurei não me colocar afetada com a vaidade e com o narcisismo, penso ter conseguido algum equilíbrio.

A sensibilidade explode por não entender humanamente o insuportável, como perder minha mãe, Alice Torres em 21 de janeiro de 2023. ou quando se é atravessado pela beleza. Através da arte faço a mediação com o mundo ao redor. Passei por dificuldades por ter escolhido a arte, Será que escolhi? Não fiz outra coisa que não fosse pensando na possibilidade de subsídios para fazer arte. As dificuldades financeiras não me fizeram parar, o olhar acusatório de falta de sabedoria por não buscar outro caminho, também não me fizeram parar, com isso já se passaram anos, e a arte é uma parte melhor de mim.

Sempre procurei estar próximo a academia, não consigo imaginar ficar sem essa educação formal, Sou leitora compulsiva e sempre carente de conhecimentos, então pretendo desdobrar este projeto para outros segmentos, como exemplo a arte como necessidade aplicada ao design no projeto de tese para doutorado.

Não posso dizer satisfeita pelo andamento de todo este processo para o término deste mestrado, pois sei que sempre posso fazer melhor, mas acredito ter feito o possível.



BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Zygmunt. *O mal estar da pós-modernidade*. Trad. de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

COLI, Jorge. *Como estudar a arte brasileira do século XIX?* São Paulo: Senac. 2005.

ECO, Humberto. *A definição da arte*. Rio de Janeiro: Record. 2021.

FAYGA, Ostrower. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes. 2014.

GULLAR, Ferreira. *Argumentação contar a morte da arte*.

FIDELIS, Gaudêncio. *A Persistência da Pintura*. Org. Paulo Sergio Duarte. Porto Alegre. Fundação Bienal Mercosul, 2005.

FISHER, Ernest. *A Necessidade da arte*. São Paulo: Zahar, 1983.

FOSTER, Hal *O que vem depois da farsa?* Trad. de Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora, 2001.

HERKENHOFF, Paulo. *Louise Bourgeois*. São Paulo: [s.n], 1997, 55 páginas. Catálogo de exposição, 1997, Centro Cultural Banco do Brasil

HIDALGO, Luciana. *Arthur Bispo do Rosário: o senhor do labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996

KRISTEVA, Julia. *Sol negro: depressão e melancolia*. São Paulo: Rocco, 1989

SALLES, Cecília. *Gesto Inacabado: processo de criação artística*. São Paulo. FAPESP. 2005.

SITES DE REFERÊNCIA

GULLAR, Ferreira. *A necessidade da arte*. .
https://www.youtube.com/watch?v=yRLDFOjxRWc&t=12s&ab_channel=SescTV
Acesso em 20 de dezembro de 2022.

Significado de rastro. *Dicionário online português*. Disponível em:
<https://www.dicio.com.br/rastro/>. Acesso de em 27 de janeiro de 2023.

FILMOGRAFIA

A Pele que Habito (La Piel que Habito). Direção de Pedro Almadóvar. Música Alberto Iglesias. Paris Filme, 2011. Son, color. Legendado. Disponível: <https://www.cinesideral.com.br/netflix-a-pele-que-habito-critica/>. Acesso em 2011 e 2022.

IMAGENS

Figura 3 - Fonte: <https://coopemmuseupicasso.wordpress.com/2016/11/15/mulher-sentada-1949/>

Figura 4 – Fonte:
<https://fliphtml5.com/kyoil/yjcl/basic/201-228>

Figura 7 – Rafael Sanzio. Madona Sistina. Óleo sobre tela. 2,65 m x 1,96.m Ano, 1512. Fonte: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/madona-sistina-rafael-sanzio/>

Páginas, 33 – 40 – 47 - 72 - 75 - 78 – fragmento e montagem de imagens da Pintura Natureza Morta I.

Página 54 – fragmento e montagem de imagens da Pintura Migrantes I.

Figura 09 - <https://www.guiadasartes.com.br/athos-bulcao/imagens>.

Figura 10 - Luciene Torres. Pintura, Mulher sentada I. Técnica mista. 120 cm x 80 cm, 2021. Fonte .Acervo pessoal de, Luciene Torres. 2021

Figura 11- Luciene Torres, Pintura, Natureza morta I. Técnica mista sobre tela.110 cm 110 cm. 2021. Fonte: acervo pessoal Luciene Torres, 2021

Figura 12 – Luciene Torres, Migrante I. Técnica mista sobre madeira. 117 cm X 63 cm. 2022. Fonte: acervo pessoal de Luciene Torres. 2021

Figura 13 – Luciene Torres, Natureza morta II - técnica mista sobre tela, 95 cm x 110 cm. 2022. Fonte: Acervo pessoal de Luciene Torres, 2022.

Figura 14 – Luciene Torres, Ilustração. Acrílica sobre cansón - 40 cm x 50 cm, 2023. Fonte: acervo pessoal de Luciene Torres, 2023.

Figura 15 – Luciene Torres, Pintura em couro . 2023. Fonte: acervo pessoal de Luciene Torres.

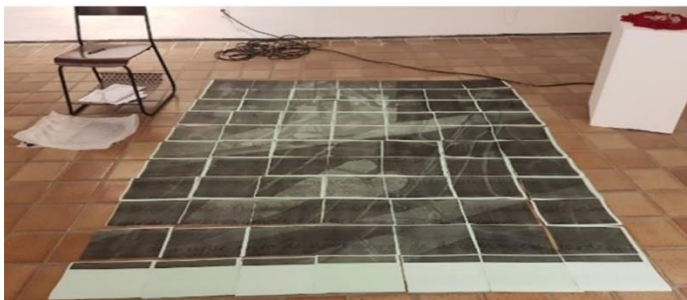
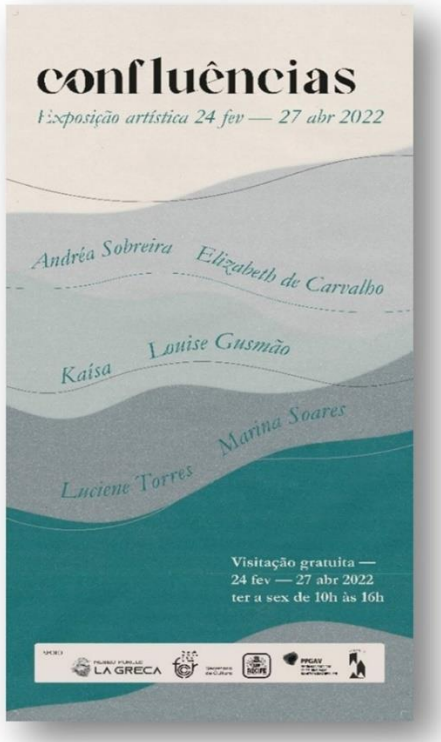
Figura 16 – Luciene Torres, Tríptico. Mulher sentada, migrante e natureza morta. Técnica mista sobre tela. 60 cm x 120 cm, 2023. Fonte: Acervo pessoal de Luciene Torres, 2023.



ANEXO ANEXO

EXPOSIÇÃO DELAS – A CASA DO CACHORRO PRETO – OLINDA-PE | 2022





museucasahermanojoze e
Hotel Globo

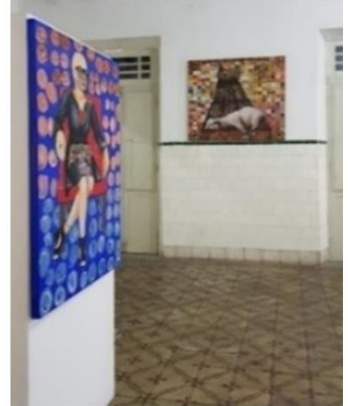
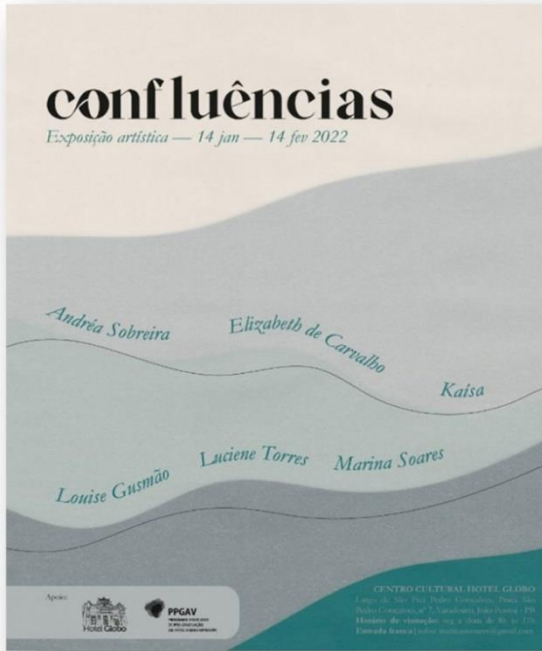
II SEMINÁRIO
ARTE E POLÍTICAS CULTURAIS

Exposição Confluências:
Visita mediada com artistas
Hotel Globo - Centro Histórico
17/02/2022 - 14h

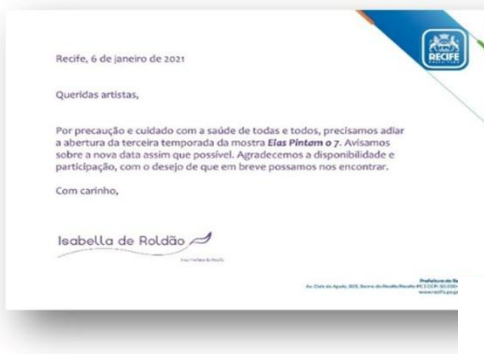
confluências
Exposição artística

Andria Sobrinha *Elizabete de Carvalho* *Kalix*
Luzia Carneiro *Luziana Torres* *Marina Soares*





EXPOSIÇÃO PREFERURA DO RECIFE | ELAS PINTAM O 7 | 2021





LUCIENE TORRES

Nos últimos anos a pintura jovem tem consumado um idílio quase fatal com o expressionismo. Tanto com o expressionismo tendência, universal e persistente, quanto com o expressionismo alemão de "A Ponte" e do "Cavaleiro Azul".

Luciene participa do entusiasmo pela linguagem dramática, os gestos extremos, a temática angustiante do expressionismo. Porém, o veículo puramente subjetivo destas raízes se contatam com os processos agudos da objetividade social. Não é, pois, por acaso, que seus trabalhos se aparentam à visão da Nova - Objetividade alemã, a pintores como Otto Dix ou Grosz.

Em suas pinturas (dela, Luciene) o sentimento de expressão está direcionado e até por um impulso à forma realista, ao exagero realista de personagens e cenários e a temas burlescos que realcem e apuram o lado crítico de exame da realidade.

Corrigir pelo exagero pareceria um jogo de contrários, não fosse o contrário em si mesmo a substância de uma estratégia de oposição aos valores estabelecidos no campo do social e da retina.

Desenhando quase com uma faca cega, o que implica em cortar com cruzeza o corpo social, Luciene procura constituir um mundo de exemplos marginais que são, contudo, espelhos claros do processo social em que se inspira. (MAC TO LUCIENE)

Seus quadros, que não pretendem uma superfície amena vez por outra, porém, se apoiam em efeitos de fundo, decorativos, que, ainda validando sua tática de oposições, criam risíveis e irônicos contrastes para seus personagens.

M A C

PROJETO ARTE NOVA - Exposição Individual - LUCIENE TORRES
MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE PERNAMBUCO
SECRETARIA DE TURISMO, CULTURA E ESPORTES
GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Texto para o Livro – Mulheres Pernambucana nas Artes Visuais | apoiado pelo
FUNCULTURA – Fundarpe – Secretaria de Cultura do Estado de Pernambuco.
Páginas. 159 e 160.



«Seja marginal, seja herói », com esta frase Hélio Oiticica sintetizou não só uma série de trabalhos que ficaram conhecidos como marginalia, mas também um questionamento sobre o que é marginal, quando e para quem. Quando Luciene Torres utiliza em uma obra sua, recentemente exposta na Casa do Cachorro Preto em Olinda, esse título ela inegavelmente faz referência , liga Oiticica, ao fato de que a mostra em questão, intitulada 'Delas#3', reunindo 17 mulheres é uma atitude heroica partindo do universo feminino ainda marginal mesmo nos dias em que vivemos. Afinal, qual o papel das Artes Visuais em relação a essa marginalidade feminina? Excluindo-se as primitivas (e quase desaparecidas) sociedades matriarcais , o papel de liderança e poder sempre coube ao homem . A mulher restava um único poder: o da reprodução. Essa alienação se aplica aos vários espaços onde o humano atua e interage, inclusive o artístico. O título do trabalho de Luciene Torres também poderia interrogar como o fez Linda Nochlin na década de 70 : “Por que não existiram grandes artistas mulheres”? O fato é que as diferenças fisiológicas entre mulheres e homens ainda têm papel essencial, uma vez que é sobre o corpo que se fundamentam as ideias de competência próprias de cada sexo. Quem desafia essa regra em qualquer instancia do pensamento ou da ação ainda é uma heroína...e marginal.

(Luciene Torres. Seja Marginal, seja heroína. Fotografia em papel canson sobre madeira certificada e sacolas plásticas.2016.). 31 de julho de 2016.

O olhar do artista é um olhar atento. A alma de um artista é uma alma inquieta. É assim que me vejo diante do mundo, diante do meu processo de criação. Não somente produzir, mas procuro questionar o devir, o tornar a ser. A criação tem uma linha íntima, sublime e abismal com o sagrado. Gosto do cruzamento de linguagens, da intersemiose. A depender do tema abordado, as técnicas, os suportes e todos os vieses construtivos vão se amoldando para potencializar a comunicação, o que deve ser dito, mal dito ou interdito. Se um acontecimento me toca profundamente preciso externalizar, gerar um diálogo primeiro interior para o reconhecimento da natureza do problema, depois apaziguar esse eu sujeito e externalizar através do desenho, da pintura, da gravura, da fotografia, da escrita... A arte para mim é dilemática, é visceral. Quero com a arte trazer à tona uma força, uma potência. E sempre me questiono se consegui.

Venho das Artes Plásticas, do Design de Produto e do Design Social. O design traz o meu eu mais racional. Está nas fronteiras borradas da arte. O estilo expressionista me parece bom e natural para comunicar, e a escrita tenta dar conta. Então, sou uma Artista Visual, e essas visualidades passam a serem expressas através das linguagens que estão no campo do meu entendimento. Meu trabalho é resultado de um conjunto complexo de informações apuradas por fases e situações diversas desse diálogo interno e externo. Para cada fase houve um dispositivo. Para cada fase teve uma influência que venho acumulando, e um olhar a mais a ser acumulado. A melancolia também faz parte da minha natureza. Pesquisas, leituras e experimentos são constantes. Uso da simplicidade técnica para falar de um mundo complexo, subjetivo. A potência está no não dito. A potência está no ainda a ser percebida.

Em nenhum momento tive dúvida de ser este o meu trabalho. Não tive dúvida que é encantador, mas de difícil autosustentabilidade. Por isso entrei e saí de outros trabalhos atrás do sustento para permitir dar continuidade a arte. Assim, arte e vida para mim é uma unidade, e procuro através da arte contribuir um pouco para os sentidos do humano, para apascentar esse sujeito incomodado. Penso que sou uma cantautora da arte.

Todas as fotografias são de autoria de Luciene Torres.

Layout gráfico– Luciene Torres

FICHA TÉCNICA

Formato 17,6 cm x 25 cm

Tipografia – Eras Light ITC e Eras Médium ITC



Luciene Torres